



ÉDISON CARNEIRO, (Salvador, 12/8/1912 —
Rio de Janeiro, 2/12/1972).

ÉDISON CARNEIRO

Waldir Freitas Oliveira

Percebo não haver sido a pessoa melhor indicada para, neste número especial de AFRO-ÁSIA, falar a respeito de Edison Carneiro. É que a amizade que nos ligava poderá concorrer para que os fatos que venha a narrar sejam analisados através de uma perspectiva comprometida e talvez parcial. Afinal guardamos dentro de nós mesmos algumas cousas que temos por sagradas. Assim considero a minha amizade com o homenageado.

Já o conheci como intelectual respeitado, participante ativo do tempo em que vivia. Como expoente válido de uma geração que se formara e crescera antes e logo após a Primeira Grande Guerra Mundial.

Lera na adolescência, várias vezes, *Candomblés da Bahia*. Testara depois as informações que o texto fornecia, em contactos freqüentes com a gente-de-santo dos terreiros baianos. Não encontrara erros. Tudo ou quase tudo que ali encontrara se confirmara, enquanto observava, cuidadoso e atento. Admirei, ainda, sua linguagem clara, desataviada, livre de frases e expressões rebuscadas, sóbria e precisa.

Lera, também, nessa mesma fase da minha vida, os seus dois livros sobre Castro Alves. É que o Poeta dos Escravos foi para mim, durante largo tempo, obsessão contínua. E Edison concorreu, de modo decisivo, para que pudesse melhor entendê-lo, para que ainda mais me empolgassem seus versos eloqüentes. Ainda nessa época, lera, atentamente, *Quilombo dos Palmares*, e me entusiasmara com o heroísmo da luta cheia de coragem dos negros escravos.

Todos esses livros ligavam-se entre si por um nítido traço de coerência. Ali estava um autor que decidira, enfrentando todas as conseqüências do seu ato, apresentar e defender opiniões só suas, não adquiridas em qualquer outro escritor, alguém expondo suas idéias próprias, incapazes de serem confundidas com outras idéias apresentadas antes. O negro brasileiro era a temática básica. E através do tratamento que lhe dava, se revelava, de modo bem claro, a ótica exclu-

siva de Édison Carneiro. Ao descrever e tentar compreender a religião dos seus ancestrais provindos da África, ao demonstrar a sua gratidão ao poeta que lutara contra a escravidão, ao exaltar a luta obstinada do negro escravo para obter, pelo seu próprio esforço, sua libertação.

Édison Carneiro foi quem me converteu aos estudos sobre o negro no Brasil. Ele me fez enxergar a necessidade urgente de melhor conhecê-lo, através da sua história, dos seus costumes, nas individualidades das suas culturas, na sua rebeldia. Li os livros de Édison bem antes de haver lido Nina, Querino, Pierson, Bastide ou Verger.

Numa tarde qualquer, já não me lembro exatamente quando, atendendo a convite de Anísio Teixeira, que então dirigia a Fundação para o desenvolvimento da Ciência no Estado da Bahia, Édison Carneiro chegou por aqui. Talvez em 50. Eu era, na época, um jovem exaltado, pretensioso e afoito. E na ânsia insensata de justificar a exagerada idéia que de mim mesmo fazia, me fui a escutá-lo, disposto a romper indumentárias falsas, desmascarar sábios já consagrados e plenamente convencidos da suprema excelência de tudo que diziam. Compareci à sua conferência pronto a questioná-lo, surpreendê-lo em faltas, ansiando por vê-lo dizer alguma coisa imprópria e contestável, provar, enfim, que o mestre não seria o cientista máximo de quem tanto falavam e a quem enalteciam.

Não fiz, no entanto, senão escutá-lo. E aprender com ele um mundo de cousas que desconhecia. Voltei encantado com a simplicidade da sua linguagem sem afetação com a sua humildade admitindo dúvidas que ainda existiam sobre pontos ligados ao processo cultural no qual se inserira, trazendo consigo suas próprias culturas, o escravo africano no Brasil. Convenci-me, então, de modo completo, de que Édison Carneiro era merecedor de todo o respeito com que lhe tratavam, e a admiração que antes sentira pelos seus livros ressurgiu mais forte, me obrigou a relê-los. E pude, então, avaliar com justiça as críticas que haviam merecido os seus escritos. Respeitando-o, agora, como alguém que não se fechava frente ao diálogo ou não tentava impor opiniões que pudesse julgar definitivas.

Circunstâncias imprevistas me colocaram, dez anos depois, à frente dos destinos do Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade da Bahia. Trocamos cartas nessa ocasião. E nelas encontrei aquela mesma sobriedade e seriedade de atitudes e de afirmações. Sentia, contudo, que me olhava, de longe, meio desconfiado.

Sem saber quem eu era e o que afinal fazia dirigindo um órgão universitário dedicado aos estudos africanistas. Ele aprendera essa necessidade, cada vez maior que todos nós sentimos, neste país, de não confiar, logo à primeira vista, naqueles que assumem posições de mando sem que antes hajam demonstrado ser realmente capazes de assumi-las. E eu era, sem qualquer dúvida, um desconhecido, um simples neófito que sem maiores explicações aparecia, de repente, a tratar com os mesmos ingredientes por ele, durante tanto tempo, manipulados com zelo.

Talvez houvesse sido a minha franqueza confessando a minha ignorância sobre muitas cousas ligadas ao negro brasileiro, ou a seriedade com que sempre encarei a responsabilidade de dirigir um centro de estudos então único no Brasil e em todo o Continente sul-americano, que tenha concorrido para que Édison pudesse acreditar em mim. Nossa correspondência tornou-se mais assídua, com menos cerimônia ou protocolos, livre de compromissos formais e tão comuns entre pessoas que não se conhecem senão através da palavra escrita.

Foi pelos fins do ano de 65 que nos encontramos, sentados lado a lado, num dos salões do Palácio do Itamaraty, na condição de membros da comissão encarregada de organizar a participação brasileira no Primeiro Festival de Artes Negras, a realizar-se em Dacar. Enfrentamos, então, batalha árdua. Lutamos juntos contra a idéia preconceituosa do então Embaixador do Senegal no Brasil. Pretendia ele impedir a participação de brancos na delegação brasileira. Defendendo, tenazmente, a ideologia que então crescia nos novos países africanos, de uma *négritude* atávica, de uma cultura associada, biologicamente, à raça negra. Henri Senghor, o Embaixador citado, contou, naquela ocasião, com a oposição enérgica e firme de Édison Carneiro, Raymundo Souza Dantas e a minha própria.

A minha posição, no entanto, era, por certo, incômoda. A de um pretense branco, ombro a ombro com um perfeito mulato como era Édison, e um autêntico negro, Raymundo Souza Dantas. Havia, contudo, identificação completa entre os pontos-de-vista que os três defendiam. Não admitíamos se pudesse aceitar o Brasil como um país negro. Nem a existência de culturas distintas, uma negra e outra branca, convivendo, independentes, em terras brasileiras. Saímos vencedores do combate e nos congratulamos. E lá nos fomos para o Senegal com uma delegação da qual participavam todos aqueles que julgamos fossem os melhores representantes da nossa própria cultura, sem preocupações no sentido de

identificá-los através de uma linha de ancestralidade imprecisa e confusa.

Os freqüentes contactos que então mantivemos, no Rio de Janeiro, durante a fase de organização do Festival, depois em Dacar, fizeram de nós verdadeiros amigos. Muito perto se achavam nossas opiniões sobre a maneira de encarar os fatos ligados à participação histórica e cultural do negro no processo de formação e consolidação da sociedade em que vivíamos. E aquela viagem ao Continente africano surgira para Edison, em momento oportuno. Como uma espécie de compensação por tudo de mau e de injusto que lhe acontecera, a partir de março de 64. E quando se via, nas ruas de Dacar, a destilar em carro oficial da Embaixada do Brasil, ele ria bastante de toda a incoerência que cercava tal fato. Afinal lá estava um indivíduo suspeito que tivera sua vida vasculhada, sua biblioteca desfalcada, como representante de um Governo que tentara puni-lo. Foram aqueles dias, no Senegal, cheios de conversas e desabafos, planos e idealizações para trabalhos futuros.

Em dezembro de 67 nos encontramos, de volta à África. Durante o II Congresso Internacional de Africanistas. Já agora passara a freqüentar, a cada vez que ia ao Rio de Janeiro, sua casa em Ipanema. Havia me tornado uma pessoa em quem Édison Carneiro confiava. E enquanto isso pensava em trazê-lo de volta à Bahia, de modo definitivo. Imaginava colocá-lo no meu próprio posto, dirigindo o CEAO. As circunstâncias da época dificultaram meus planos. Seu nome era sumariamente afastado de qualquer cogitação nesse sentido. Fui obrigado, então, a desistir. Mas tais dificuldades não me impediram de trazê-lo até aqui por duas vezes, a primeira no ano de 68, para uma conferência no programa comemorativo dos 80 anos da assinatura da Lei da Abolição, e a segunda, em 71, para nova conferência, agora comemorando o centenário da Lei do Ventre Livre. Dois anos depois morria Édison Carneiro.

Relembro estes fatos para deixar bem claro que dele falo menos como biógrafo ou crítico que na condição elementar de amigo. Tentarei, contudo, após este relato, realçar a figura de Edison Carneiro, desligado dos laços de amizade, numa tarefa que reconheço ser quase impossível.

Morreu quatro meses após os seus sessenta anos. Havia nascido em Salvador no mês de agosto de 1912. Diplomou-se em Direito e aqui viveu até o ano de 1940, quando se transferiu para o Rio de Janeiro. Participou, ativamente, do momento histórico que o envolveu. Desde 1929, com dezessete anos, já era presença nos movimentos dos moços do

seu tempo. E em 1930, ao lado de Jorge Amado, Clóvis Amórim, João Cordeiro, Dias da Costa, Alves Ribeiro, Sosígenes Costa e alguns outros, organizara a Academia dos Rebeldes, grupo de opinião e luta, de enorme importância na história das letras baianas. O grupo editou uma revista — *O Momento*, da qual foram publicados nove números, entre julho de 1931 e junho do ano seguinte. Todos dentro de uma linha de pensamento maduro e consciente, por vezes agressivo. E é com justa razão que em trabalho recente, João Carlos Teixeira Gomes, ao analisar a presença do modernismo na Bahia, a considera, do ponto-de-vista literário, bem mais rica do que *Arco e Flexa*, muito mais estudada e conhecida.

Foi jornalista assíduo, desde aquela data, nas páginas do *Estado da Bahia*. E em 36 publicou o seu primeiro livro — *Religiões Negras*. Aos 24 anos. Para logo após, em 37, publicar *Negros Bantos e Castro Alves — Ensaio de Compreensão*, sua primeira homenagem ao poeta abolicionista. Nesse mesmo ano tendo participado, de modo excepcionalmente ativo, na organização do II Congresso Afro-Brasileiro, aqui realizado, pouco depois do de Recife. Foi quando propôs a criação de uma federação das casas de candomblé baianas, sob a denominação de União das Seitas Afro-Brasileiras da Bahia.

Após haver se fixado no Rio de Janeiro, passou a dividir seu tempo entre as atividades jornalísticas e trabalhos de tradução para o português de livros escritos em francês e inglês. Vigiado, de perto, pela polícia do Estado Novo, sofreu, nesse período, os duros efeitos da perseguição. Tanto que foi no México que surgiu, pela primeira vez, no ano de 1946, seu livro sobre os Palmares. *Guerra de los Palmares* somente surgiria, em português, em 1947, um ano depois, já no período de redemocratização iniciado com a queda do Estado Novo. Foi nesse mesmo ano, aproveitando o clima de liberalidade dos novos tempos surgidos, que Edison Carneiro publicou o seu incisivo e corajoso *Trajetória de Castro Alves*, com indisfarçável ênfase política. Somente em 1948 surgiria, publicado por iniciativa do Museu do Estado, aqui em Salvador, a sua obra máxima — *Candomblés da Bahia*.

Relembro então o que já disse antes sobre este livro: — “Ainda não foi escrita obra mais decisiva para a obtenção de uma visão real ou para a exata compreensão do mundo místico do negro da Bahia. E se algo do que ali foi escrito merece, hoje, retificações ou justifica acréscimos, não deveremos esquecer que o próprio autor se preparava para rever e ampliar o seu livro, somente não havendo conseguido realizar o seu intento pelo fato de a morte o haver colhido quando ainda muito tinha a oferecer à cultura nacional”.

Entre os anos de 48 e 58 publicaria *Antologia do Negro Brasileiro* (1950), *Linguagem Popular da Bahia* (1951), *A Cidade do Salvador* (1954), *A Conquista da Amazônia e O Negro em Minas Gerais* (1956) e *A Sabedoria Popular* (1957). E já no ano de 1959 iniciaria sua carreira de Professor, encarregado que fora do ensino da disciplina *Bibliografia do Folclore*, nos Cursos de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional.

Nesse mesmo ano integraria o grupo de trabalho que estruturou a Campanha de Defesa do Folclore, da qual participaria, até 1961, como membro do Conselho Técnico, e daí até 1964, como seu Diretor Executivo. Nasceria o folclorista. E rude golpe foi o que recebeu, nessa data, ao ser afastado do cargo que exercia com muito amor e crescente entusiasmo, por motivos puramente políticos. Já acrescentara, contudo, durante este período, novos títulos à sua vasta produção intelectual — *A Insurreição Praieira*, em 1960, *Samba de Umbigada*, em 1961, e *Folclore no Brasil*, em 1963.

A partir de março de 64, passaria a ministrar na condição de professor visitante, cursos em várias Universidades brasileiras. E enquanto isto, acreditando, ingenuamente, na sociedade em que vivia, decidiu inscrever-se como candidato à Cátedra de Antropologia e Etnografia, da Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio de Janeiro. Atroz desilusão. Sua inscrição fez com que o concurso não se realizasse. Seria difícil reprová-lo. E a sua presença, regendo uma cátedra universitária, não seria bem vista. Continuaria, no entanto, a publicar. É de 64, *Ladinos e Crioulos. Dinâmica do Folclore* apareceria no ano seguinte.

Seus últimos anos de vida, entre 66 e 72, foram marcados pelas suas viagens ao Continente africano. Sentia-se então nele renascer o mesmo entusiasmo do jovem que escrevera, antes dos 25 anos, *Religiões Negras*. Mesmo descrente e desiludido, com uma amargura pesada nas palavras, o contacto com a África, onde nunca havia estado antes, lhe deu novas forças. Foi quando o conheci. Encheu-se de planos ousados e arrojados. Mas enquanto não os realizava, trabalhava no último dos seus livros — *Folguedos Tradicionais*, que somente seria publicado após o seu falecimento. Realizou também, nesse período, a revisão e as anotações das *Cartas de Vilhena*, reeditadas em 69, e de *Os Africanos no Brasil*, a obra clássica de Nina Rodrigues.

No ano de 1969, uma pequena compensação — a Academia Brasileira de Letras lhe conferiria o Prêmio Machado de Assis, pela sua excepcional atividade no campo das Letras. E nessa mesma ocasião, o Governo do então Estado da Guanabara lhe condecoraria com a Medalha Sílvio Romero, en-

quanto a cidade de São José do Rio Preto lhe ofereceria a Medalha Euclides da Cunha, em reconhecimento pelo muito que fizera em prol da cultura brasileira.

Um trabalho inédito, infelizmente não concluído, se encontra hoje sob a minha guarda — um estudo histórico sobre a luta pela Independência, na Bahia.

Desnecessário se torna, a esta altura, indagar o que deve o Brasil e particularmente a Bahia, a Edison Carneiro. Sobre a sua terra ou a ela referentes, escreveu nada menos que dez livros. Poucos na história das letras baianas possuem tal privilégio. E enquanto fora de Salvador soube honrar, de maneira exemplar, o canto onde nasceu. Sempre a se afirmar essencialmente baiano, profundamente ligado ao seu chão e à sua gente, fonte primária da sua inspiração. A homenagem que agora lhe presta o Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia, ao dedicar-lhe um número especial de AFRO-ÁSIA, é merecida e justa. Edison Carneiro foi, sem dúvida, um dos maiores momentos na história dos estudos sobre o negro brasileiro.

ÉDISON CARNEIRO

In this number of AFRO-ÁSIA dedicated to his memory, the ethnologist and folklorist born in Bahia Edison Carneiro, has his profile drawn in this article written by Professor Waldir Freitas Oliveira. The Author reminds the importance of Edison Carneiro's works, chiefly CANDOMBLÉS DA BAHIA and also the importance they have in the bibliography on the Negro in Brazil. There are, in this article, several personal recollections about the ethnologist and a portrait is drawn of his individuality, both as a scholar and as an active man in society.

"It is not necessary, at this point, to question about what Brazil and chiefly Bahia owe to Edison Carneiro — Prof. Waldir Freitas Oliveira writes. (...) The homage the Centro de Estudos Afro-Orientais renders him, dedicating a special number of AFRO-ÁSIA to him is just. Edison Carneiro was, without doubt, one of the greatest moments in the history of studies about the Brazilian Negro".

ÉDISON CARNEIRO

Dans ce numéro de AFRO-ÁSIA dédié à sa mémoire, l'ethnologue et folkloriste né à Bahia Edison Carneiro a son profil tracé par cet article de M. le Professeur Waldir Freitas

Oliveira. L'Auteur rappelle l'importance des oeuvres de Edison Carneiro, surtout CANDOMBLÉS DE BAHIA, et encore l'importance qu'elles ont dans la bibliographie sur le nègre au Brésil. Il y a, dans cet article, plusieurs réminiscences personnelles sur l'ethnologue et on trace un portrait de sa personnalité, comme studieux et comme un homme en activité dans la société.

“Ce n'est pas nécessaire, précisément, indiquer ce que le Brésil, et surtout Bahia, doivent à Edison Carneiro — écrit Prof. Waldir Freitas Oliveira — (...) l'hommage que le Centro de Estudos Afro-Orientais lui rend maintenant, en lui dédiant un numéro spécial de AFRO-ASIA, est mérité et juste. Edison Carneiro fut, sans doute, l'un des plus grands moments dans l'histoire des études sur le nègre brésilien”.